

## **A PROPOSTA EDUCACIONAL DE RUDOLF STEINER:** a Pedagogia Waldorf e a arte de educar.

Josiane Angélica Mendes<sup>1</sup>

Kátia Kazuko Nishizawa<sup>2</sup>

**RESUMO:** A Pedagogia Waldorf, criada por Rudolf Steiner (1861-1925) e fundamentada nos princípios da Antroposofia, enxerga o ser humano em várias dimensões, sendo a dimensão espiritual fundamental para qualquer prática Waldorf. Diante das inquietações causadas pela crise contemporânea da escola, com sua fragmentação e o seu modo impositivo de ensinar seus alunos, surgiu a intenção de buscar na Pedagogia Waldorf um contraponto para repensarmos saídas para a construção de outros modelos de escolas. Esta pesquisa partiu da análise da autobiografia de Rudolf Steiner e dos fundamentos da Antroposofia para chegarmos ao construto de sua pedagogia. Ao percorrer esse caminho também abordamos o papel fundamental da arte e das cores na vida das crianças no ensino/aprendizagem, fundamentadas na visão da Teoria das Cores de Johann Wolfgang von Goethe (1749- 1832). Como resultado, foi possível compreender como os aspectos filosóficos da Antroposofia, de um ser humano composto por corpo, alma e espírito, e uma proposta pedagógica que considera esse ser humano integral, contribui para uma nova educação que não se tende apenas à dimensão intelectual, mas às dimensões anímicas e espirituais. Essa concepção de ser humano integral propicia novos caminhos e visões educacionais, tornando possível que mais escolas sejam acolhedoras da alma humana, no modo como concebe Rudolf Steiner.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf; Antroposofia; Arte; Educação.

**ABSTRACT:** Waldorf Pedagogy, created by Rudolf Steiner (1861-1925) and based on the principles of Anthroposophy, sees the human being in several dimensions, being the spiritual dimension fundamental to any Waldorf practice. In view of the concerns caused by the contemporary crisis of the school, with its fragmentation and its imposing way of teaching its students, the intention arose to seek in Waldorf Pedagogy a counterpoint to rethink ways to build other models of schools. This research started with the analysis of Rudolf Steiner's autobiography and the foundations of Anthroposophy to get to the construction of his pedagogy. Along this path we also approached the fundamental role of art and colors in the lives of children in teaching/learning, based on the vision of the Color Theory of Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). As a result, it was possible to understand how the philosophical aspects of Anthroposophy, of a human being composed of body, soul and spirit, and a pedagogical proposal that considers this integral human being, contributes to a new education that is not only aimed at the intellectual dimension, but also at the soul and spiritual dimensions. This conception of an integral human being provides new paths and educational visions, making it possible for more schools to be welcoming to the human soul, in the way Rudolf Steiner conceives it.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá - Campus Regional de Cianorte; graduada em História pela Uninter; Especialização em Psicopedagogia pelo Instituto Rhema e em Educação Especial pela Uninter.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá- Campus Regional de Cianorte; Especialização em Psicopedagogia em Teia- Transtorno do Espectro Autista pelo Instituto Rhema.

Keywords: Waldorf Pedagogy; Anthroposophy; Art; Education.

## **Introdução**

A Pedagogia Waldorf é uma proposta educacional de Rudolf Steiner (1861-1925), fundamentada pelos princípios filosóficos da Antroposofia, uma Ciência Espiritual moderna e prática desenvolvida por este filósofo austríaco. Ele propõe uma forma livre e responsável de pensar, de perceber a realidade e de atuar, observando e respeitando o ser humano e a realidade na qual está inserido. Esta ciência atua no cotidiano como atitude, como visão de mundo e como possibilidade ampliada de trabalho em diversas áreas da vida humana: saúde, educação, agricultura, artes, convívio social, entre outras. No que se refere à arte, apresentamos uma reflexão do papel da Arte nas escolas não-Waldorf, bem como a ausência das cores no ensino/aprendizagem e nas próprias estruturas físicas da escola. Contrapondo essa perspectiva, analisamos que nas escolas Waldorf a arte e as cores possuem uma profunda relação com o ensino, constituindo-se um dos instrumentos de sua metodologia.

Este estudo encontrou na Pedagogia Waldorf um contraponto para se pensar saídas para a construção de outros modelos de escolas diferentes do qual conhecemos hoje. A sua concepção de ser humano integral contribui para superarmos o atual modelo hegemônico de escola, em sua maioria baseado em um ensino voltado para o desenvolvimento intelectual que reduz o ser humano a apenas um dos seus corpos (conforme a concepção antroposófica), motivados pelo conteúdo/conhecimento científico como único meio de desenvolvimento humano e transformação social. Portanto, com a cosmovisão de Steiner é possível vislumbrar brechas para a existência de uma escola mais acolhedora da alma humana, que leva em consideração todos os aspectos constitutivos da natureza humana. Segundo a visão de Steiner, e parafraseando Welburg (1965, apud WELBURN, 2005, p. 58), o homem se conecta continuamente de três maneiras às coisas do mundo: por meio do corpo, o homem se conecta com às coisas e se coloca no seu ambiente; por meio da alma, ele conecta às coisas ao seu ser e, reciprocamente, as

coisas são impregnadas nele (alegria, dor, etc.); e por meio do espírito, sabemos como isso vai se manifestar nele.

É claro que não pretendemos definir algo tão profundo de maneira simplista ou generalizada, porém são necessárias algumas considerações iniciais para continuar no caminho de entendimento proposto por Steiner, em que somos parte do mundo, ou seja, parte do todo. Assim sendo pensar na educação é compreender que existem relações mais profundas do que se imagina quando uma criança está sendo alfabetizada, possuem sentimentos, emoções e desejos ao obter um conhecimento desconhecido do seu cotidiano, todavia percebe-se que este também é o papel da escola superar o que já é conhecido, porém a escola é o espaço das relações e por isso vai além do intelectual, há vários aspectos para serem considerados na vivência da escola, portanto também o afetivo de cada aluno, este deveria participar com mais liberdade e ser escutado nessa relação do ensino/aprendizagem, aluno/professor como um só e não separados.

### **Rudolf Steiner: Vida e Obra**

Rudolf Joseph Lorenz Steiner nasceu no dia 27 de fevereiro de 1861, na cidade de Kraljevec, na fronteira húngaro-croata, e divisa da Europa Central e a Oriental. Podemos dizer que entre as diversas atividades, foi filósofo, educador, artista, conferencista e escritor. Foi fundador da Antroposofia, da Pedagogia Waldorf, da agricultura biodinâmica, da medicina antroposófica e da Eurytmia. Seus interesses perpassavam por diversos âmbitos como o ocultismo, agricultura, arquitetura, arte, drama, literatura, matemática, medicina, filosofia, ciência e religião

Rudolf descrevia a natureza que envolvia sua infância, sempre apreciando as belezas do seu país. Seu contexto era permeado pela profissão de ferroviário que o pai exercia, sendo uma infância envolvida pela natureza e ao mesmo tempo o mecânico das ferrovias, cujo seu interesse era para os dois contextos, ele sempre muito curioso para descobrir e explorar ambas as áreas. Sobre esta polaridade vivenciada Steiner (2016a) diz,

Eu creio que ter passado a infância em tal ambiente foi significativo para minha vida- pois meus interesses foram fortemente atraídos para o lado mecânico dessa existência. E eu sei como esses interesses queriam repetidamente obscurecer o lado do coração na

alma infantil, voltado para a natureza suave e, ao mesmo tempo, grandiosa, para dentro da qual, na distância, esses trens submetidos ao mecanismo desapareciam toda vez. (STEINER, p. 24)

Aos oito anos de idade, Steiner e sua família se mudaram para Neudörfel. Com essa mudança ocorre a aproximação com a civilização moderna, especificamente com o centro industrial de Wiener-Neustadt, com o professor auxiliar Heinrich Gangl, Steiner encontrou um caminho já existente internamente, porém a geometria lhe possibilitou o início de uma caminhada de estudos que percorreu por toda sua existência. Além dos livros que Steiner podia ler livremente sem problemas, era estimulado ao ouvi-lo tocar violino e piano. Como desenhava muito, a música lhe trouxe o elemento artístico.

Outra pessoa importante para as vivências de Steiner foi o pároco Franz Maráz<sup>3</sup> (1860-1873), encarregado de fiscalizar o ensino, e professor de ensino religioso, duas vezes na semana. Ele foi importante para sua orientação espiritual posterior. Devido a sua participação nos atos litúrgicos da Igreja, como também o modo como o pároco compreendia o mundo.

[...] Certo dia ele veio à escola e reuniu na pequena sala dos professores os alunos 'mais maduros', entre os quais também me incluía; desdobrou um desenho feito por ele e nos explicou, por meio do mesmo, o sistema cósmico copernicano. Falou da maneira bem ilustrativa sobre o movimento da Terra ao redor do Sol, a rotação em torno de um eixo, a obliquidade do eixo da Terra e sobre verão e inverno, bem como sobre as zonas da Terra. Fiquei totalmente cativado pelo assunto; reproduzi os desenhos durante vários dias, e ainda recebi do padre um ensino especial sobre eclipses do Sol e da Lua e dirigi, naquele tempo e depois, toda a minha ânsia de saber para esse assunto. (STEINER, 2016a, p.35)

Ainda em sua infância, teve contato com a literatura alemã por intermédio de um médico, Dr. Carl Hickel (1813-1905), que visitava a aldeia para tratar dos doentes, visto que naquele período não havia muitos médicos. Por meio desse médico, Steiner conheceu Lessing, Goethe, Schiller<sup>4</sup>.

E assim aconteceu de, junto com o médico de Wiener-Neustadt, todo um novo mundo ter penetrado em meu horizonte. Ele gostava de ocupar-se comigo; depois de descansar um pouco sob as tílias,

---

<sup>3</sup> Pároco de Neudörfel, sacerdote encarregado da direção espiritual e da administração de uma paróquia.

<sup>4</sup> Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), dramaturgo, crítico e pensador; Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), poeta, pensador e pesquisador científico, considerado o expoente máximo da literatura alemã; Johann Friedrich von Schiller (1759-1805), poeta e pensador.

puxava-me à parte e passeava na praça da estação falando em literatura alemã, não com intenção de docente, mas cheio de entusiasmo. Então desenvolvia todo tipo de ideias sobre o que é belo sobre o que é feio. (STEINER, 2016a, p.37)

Paralelamente a essas vivências, Steiner se ocupava nas instalações da estrada de ferro com o telégrafo<sup>5</sup> da estação, e ainda criança aprendeu a telegrafar, também obteve nesse ambiente aprendizagem sobre as leis da eletricidade por meio da observação. Steiner cresceu falando o idioma alemão da Baixa-Áustria, e aos seus dez anos, chegou o momento de seu pai decidir se iria enviá-lo para o liceu clássico ou para o colégio científico em Wiener-Neustadt. Seu pai tinha a intenção de que Steiner se tornasse engenheiro ferroviário. Depois de aprovado, frequentou o liceu na vizinha cidade de Wiener-Neustadt.

Em seus estudos adquiriu conhecimento de Geometria Descritiva. Nos dois primeiros anos não foi um bom aluno. Contudo, dos seus doze a treze anos de vida foi autodidata em Matemática. Sempre dedicado, leu o livro “A força de Atração como efeito do movimento”, lançado pelo diretor da escola Heinrich Schramm (1810-1865), que também lançou o livro “O movimento geral da matéria como causa básica de todos os fenômenos da natureza”. Para tanto, estudou Física e Matemática para compreender estes dois livros.

De acordo com Welburn (2005), aos quatorze anos, Steiner procurava compreender a capacidade da razão humana em obter uma realidade de discernimento da essência das coisas, foi quando se interessou pela obra “Crítica da razão pura” de Immanuel Kant. Fez o possível para conseguir comprar o quanto antes, como também conseguir tempo para ler a obra.

Em 1879, aos dezoito anos, Steiner passou nos exames finais de sua escola, e no intuito de possibilitar a ele os estudos na Academia Técnica de Viena, para torná-lo engenheiro ferroviário, o seu pai pediu transferência de Neudörfel para Inzersdorf, perto de Viena. Em 1879, Steiner foi matriculado nesta academia, na qual se inscreveu nas disciplinas de Biologia, Química, Física e Matemática, como disciplinas regulares.

Ao percorrer este caminho, é notório para nós que seu entusiasmo inicial foi por geometria, matemática, ciências naturais e a filosofia. Dedicou-se arduamente

---

<sup>5</sup> É um sistema criado para transmitir mensagens de um ponto para outro em longas distâncias, utilizando códigos para a rápida e confiável transmissão. As mensagens eram transmitidas por meio de um sistema composto por fios.

aos estudos científicos e filosóficos a fim de se aprofundar suficiente para questionar com afinco os paradigmas acadêmicos de sua época. Nessa caminhada, Nietzsche (1844-1900) foi de suma importância, entre muitos que também o influenciaram, como aponta Welburn (2005),

Certamente, Steiner estava ciente de que sua abordagem seria vista como não-convencional porque ela não buscava fundamentar a moralidade em princípios razoáveis, mas em vez disso, no que é claramente uma extensão das ideias históricas de Nietzsche. Foi a visão de Nietzsche sobre a historicamente explicada “genealogia da moral” que deu a ele um ponto de partida, do qual ele procedeu para aplicar sua própria abordagem característica. (WELBURN, 2005, p. 156)

Neste ponto da trajetória de Steiner, fortalecem-se as perguntas e enigmas em relação à vida externa da humanidade, pois havia um contexto de primeira Guerra Mundial (por volta de 1914-1918) e toda uma sociedade estava abalada. Essa vivência foi o que justamente tornou os assuntos interiores da alma e sua relação com o mundo espiritual mais fortalecido. Nesse sentido, Steiner sempre manteve contato com diversas personalidades culturais e intelectuais, sempre aberto aos diversos conhecimentos, apesar de manter as suas verdades sob certa proteção. Era aberto ao diálogo, portanto, como podemos ver no que diz Steiner sobre o contato com o pensamento marxiano:

[...] Por intermédio delas tive ensejo de ocupar-me com Karl Marx, Friedrich Engels, Rodbertus e outros autores de Economia Política. Com nenhum deles consegui estabelecer um vínculo interior. Para mim era pessoalmente doloroso ouvir que as forças econômico-materiais seriam os suportes da verdadeira evolução na história humana, e que o espiritual deveria ser apenas uma supraestrutura ideal dessa infraestrutura verdadeiramente real. Eu conhecia a realidade do espiritual. As afirmações teóricas dos socialistas significavam, para mim, fechar os olhos diante da verdadeira realidade. (STEINER, 2016a, p. 127)

Em Viena, seu professor Karl Julius Schröer (1825-1900) lecionava literatura alemã na academia, fato que contribui para que Steiner se dedicasse, a partir de 1883, a editar as obras científicas de Johann Wolfgang von Goethe. Tornou-se profundo conhecedor das obras de Goethe, escrevendo inúmeras obras sobre ele, dedicando-se à explicação do pensamento do autor alemão, e paralelamente, escrevia sobre assuntos filosóficos. Por meio das atividades sobre Goethe, Steiner

frequentemente viaja para Alemanha para se aprofundar no autor, e foi convidado a trabalhar no arquivo Goethe-Schiller em Weimar. A nosso ver, foi um período de suma importância para o amadurecimento de seu pensamento, pois em Goethe, Steiner encontrava um caminho que sua alma ansiava desde sempre, um método cognitivo que se diferenciava pela visão de mundo, que levou ao pensamento integrativo e não dicotômico de sua filosofia. Conforme Steiner:

Durante minha estada em Weimar, despontou cada vez mais decisivamente diante de mim a pergunta: como se pode continuar construindo sobre os fundamentos cognitivos lançados por Goethe de modo a passar, em plena atividade pensante, de *seu* modo de contemplar àquele capaz de acolher a *experiência espiritual*, tal qual esta me sucedera? (STEINER, 2016a, p. 129-130, grifos do autor).

A cosmovisão que Steiner encontra nas obras de Goethe é justamente o que ele procurava para seu contexto, o qual era marcado pela unilateralidade de muitos filósofos. Steiner, portanto, propôs uma ciência que tinha a tarefa de realizar as conexões entre os conceitos, a natureza e o ser humano. Questionava como o mundo externo se relacionava com a consciência humana, como pensamos sobre os objetos da realidade e sobre eles mesmos. Compreendemos que Steiner desenvolveu uma ciência que pretendia superar esses dualismos existentes em seu contexto, assim como ainda temos em nosso momento histórico. Devemos compreender que a experiência é uma parte da realidade, e a outra é o pensar que torna possível a conexão que a nossa mente realiza ao captar essa realidade, para que assim a essência da forma se manifeste.

Para Steiner (2016), essa base da cosmovisão de Goethe lhe ofereceu a oportunidade de formular uma teoria do conhecimento demonstrando que a essência da natureza no qual nossa percepção sensorial apreende é espiritual.

Isso me era motivado pelo fato de meu destino ter-me conduzido a uma discussão com os especialistas da época em teoria do conhecimento. Eles imaginavam como premissa uma natureza em que nada havia de espiritual, e propunham-se mostrar em que medida o homem está autorizado a formar em seu espírito uma imagem espiritual da natureza. A isso eu queria contrapor uma teoria do conhecimento bem diferente. Queria mostrar que o homem, *pensando*, não forma imagens *a respeito* da natureza como alguém situado fora dela, e sim que conhecer é *vivenciar*, de modo que o homem, ao conhecer, está *dentro* da essência das coisas. (STEINER, 2016a, p. 139, grifos do autor)

Duas questões são fundamentais para Steiner, a primeira é possível encontrar no ser humano uma base de apoio para todos os conhecimentos que nele chegam, por meio de suas vivências diárias e da ciência; e ao mesmo tempo, saber que nele possui dúvidas e juízos, o que acarreta em insegurança e incertezas. E a segunda, é sabido também que o ser humano possui vontades, diante disso, seria essa uma falsa liberdade de ação humana ou seria ela a liberdade? E se essas vontades são causadas por instrumentos e condicionamentos, também não seria ilusória uma liberdade que dependessem desses processos? Nesse contexto, Steiner se encaminha para sua importante obra “A filosofia da liberdade”, escrita em 1894, e que pretendia responder às duas questões a partir de uma cosmovisão em que a segunda questão dependia da maneira como pensamos e agimos na primeira. Não há uma resposta definitiva para essas questões, contudo um novo caminho para o conhecimento é encontrado, e que para tanto foi necessário um empenho cognitivo quanto ao espírito. Segundo Steiner, (2016) a imaginação, inspiração e intuição. “Eu não queria descrever vivências humana, e sim mostrar como um mundo espiritual se manifesta *no* homem por meio de órgãos espirituais” (STEINER, 2016, p. 144, grifos do autor).

Conforme Welburn (2005), em Dornach construíram a sede da Sociedade Antroposófica, denominada Goetheanum, onde está atualmente a Escola Superior Livre de Ciência Espiritual. O primeiro prédio foi destruído por um incêndio em 1922, e um novo foi reconstruído, e teve participação importante na obra de Steiner como um grande centro de contribuições para os campos do Conhecimento Humano. Steiner, entre outras obras, dedicou-se principalmente aos campos da Organização Social, Agricultura, Arquitetura, Medicina, e Pedagogia, como também Farmacologia e o tratamento de crianças com a Síndrome de Down, dentro da Pedagogia Curativa. Seu falecimento ocorreu no dia 30 de março de 1925 em Dornach, acamado por uma doença de esgotamento intenso, morre totalmente consciente dos mundos materiais e espirituais. Ele cruzou as mãos sobre o peito, fechou os olhos, e deu seu último suspiro.

Rudolf Steiner ofereceu ao mundo, no decorrer de sua existência, caminhos que ampliaram para além das condições materiais que eram consideradas como únicas soluções para todos os problemas os quais enfrentou. Steiner obteve reconhecimento mundial, em todos os continentes surgiram centros de atividades

antroposófica, como desdobramentos práticos da Ciência Espiritual por ele desenvolvida, promovendo práticas em todos os âmbitos da sociedade.

## **Antroposofia**

O termo Antroposofia (do grego *anthropo* + *sophia* – sabedoria humana) diz respeito à uma ciência espiritual que visa o autoconhecimento, ou seja, um conjunto de princípios utilizados como base em um sistema filosófico, científico, artístico e espiritual fundado por Rudolf Steiner a partir de 1902, quando este ainda era presidente da Sociedade Teosófica da Alemanha. Em 1913, porém, Steiner se desliga da Sociedade Teosófica para fundar a Sociedade Antroposófica. De acordo com Lanz, podemos entender inicialmente por antroposofia,

Pois bem, a Ciência Espiritual Antroposófica ou "Antroposofia", fundada e estruturada por Rudolf Steiner, afirma seguir essa via. Ela não é religião nem seita religiosa. Distingue-se da especulação filosófica, pelo seu fundamento em fatos concretos e verificáveis. E distingue-se de caminhos esotéricos como o espiritismo, pelo fato de o pesquisador, que se conserva dentro dos métodos por ela preconizados, manter a sua plena consciência, sem qualquer transe, mediunismo ou estados extáticos ou de excitação artificial. A Antroposofia é ciência! (LANZ, 1990, p.13)

O que torna compreensível na antroposofia é a sua relação com a sabedoria do ser humano, uma ciência do cosmo que tem como ponto central o ser humano. O que se propunha era a obtenção de um caminho cognitivo que superasse as visões dualistas, de um lado as Ciências Naturais e suas comprovações materialistas e sensoriais, negando qualquer outro caminho, e de outro, o misticismo que também levava às questões espirituais como essenciais para o ser humano, o que colocava a realidade em um patamar pouco importante em vista do espiritual.

Mas, como toda boa ciência, a Antroposofia não se limita a afirmar, a expor resultados; indica o seu método e o caminho cognitivo que deve ser seguido para alcançar o conhecimento dos fatos expostos, nunca exigindo fé cega. O estudioso da Antroposofia deve manter seu espírito bem vigilante; só ficará satisfeito quando as doutrinas da Antroposofia confirmarem as descobertas da ciência comum ou trouxerem uma solução para um problema que, sem aquela, teria ficado insolúvel (LANZ, 1990, p.13)

Para além dessas visões, Steiner desenvolveu um caminho cognitivo que o levasse à Ciência Espiritual. “A Antroposofia não quer afastar o ser humano da realidade e conduzi-lo a um mundo irreal, imaginário; pelo contrário, quer procurar uma maneira de conhecimento à qual se abra, de fato, o mundo real” (STEINER, 2014b, p. 14, grifos do autor).

Esse caminho antroposófico é realmente necessário quando o ser humano deseja superar ideologias, dualismos e reducionismos. Devemos atentar ao leitor que apresentamos essa Ciência de modo incipiente, pois seria preciso mais tempo para aprofundarmos tais estudos. Apesar disso, mesmo que sumariamente, é importante que a comunidade comece a conhecer esse caminho para que novas transformações na educação possam ocorrer. Entre os princípios da antroposofia está a relação em que o corpo do homem possui todos os elementos que são encontrados na natureza, assim o homem é composto por quatro entidades, de acordo com Gardin:

A doutrina dos quatro elementos, de épocas pré-cristãs, correlaciona cada um deles às organizações citadas, respectivamente: terra, água, ar e fogo. A organização física é o que o ser humano tem em comum com o reino mineral. Sua dimensão é o espaço, e o órgão-terra, o pulmão. A organização vital, aquilo que temos em comum com o reino vegetal, determina as forças de crescimento, anabolismo e os sete processos vitais. Sua dimensão é o tempo e o órgão-água, o fígado. A organização anímica, que os animais também possuem, é o que determina a vida de relação, os instintos, as dualidades simpatia/antipatia, prazer/dor, as forças de contenção do crescimento (catabolismo). O órgão-ar é o rim. A organização do eu é exclusiva dos seres humanos e determina aquilo que é essencialmente humano: andar ereto, falar e pensar. Através dessas habilidades as pessoas têm chance de desenvolverem autoconsciência, autorreflexão e a possibilidade de modelar seu próprio destino individual. (GARDIN, 2015, p.101)

Seguindo os conceitos da antroposofia, o corpo astral é o caminho para sensações e sentimentos, instintos e atividades psíquicas, conscientes e inconscientes. Um dos conceitos básicos é “a quadrimembração, ou constituição quádrupla, composta pela organização física (ou corpo físico), organização vital (ou corpo etérico), organização anímica (ou corpo astral) e finalmente organização do eu (ou espírito)” (GARDIN, 2015, p.101). Nesta relação do eu com ele e com os corpos inferiores, nasceu um conjunto autônomo de atitudes e faculdades que a antroposofia trata como sendo a “alma”. A alma distinta da corporalidade e do eu, constitui, pois como que um elemento de ligação entre o eu e o mundo. O “eu” sente

e age através desse instrumento. Contudo, essa alma não é homogênea, ela possui faculdades que demonstraram gradualmente no decorrer da História, nesta perspectiva a "alma" se manifesta de três formas. De acordo com Lanz,

1) A alma sensível ou ainda alma da sensação: ela traz a consciência das sensações, a vivência de uma impressão sensorial, por exemplo, de uma cor, de uma obra musical, de uma dor. Através da alma sensível, o homem vivencia o mundo. 2) A alma do intelecto ou do sentimento: por meio dela o homem formula pensamentos. Ele põe em ordem as sensações recebidas, ele compreende o mundo, ele constrói o universo interno de representações mentais, de pensamentos e de idéias. A abstração e o pensar são resultados da existência dessa alma do intelecto. Ciência e filosofia são seus frutos. 3) A alma consciente ou alma da consciência: traz ao homem a consciência dos conteúdos não-materiais do mundo ("idéias") e da sua própria individualidade e o choque entre o seu ego e o mundo. Ele se sente distanciado, abandonado; em consequência, sofre por seu isolamento, duvidando de tudo e não se dando mais por satisfeito com explicações fornecidas pela alma racional. (LANZ, 1990, p.24)

Entre as características básicas que Steiner associou a cada área, destaca-se para a Vida Econômica, a fraternidade (ou solidariedade); para a Vida Jurídica, a igualdade e para a Vida Espiritual, a liberdade. De fato, se não houver solidariedade na satisfação das necessidades, alguns terão um excesso, e outros falta em relação ao que precisam (sabemos que as necessidades variam de indivíduo para indivíduo). Na Vida Jurídica, que engloba as leis, os contratos, acordos e regras de convivência entre pessoas, deve haver igualdade, isto é, neles e em sua aplicação uma pessoa não pode ser privilegiada em relação a outra.

A nosso ver, é de suma importância conhecer a Antroposofia, mesmo que seja em alguns dos seus aspectos iniciais, pois a Pedagogia Waldorf está assentada sobre bases antroposóficas.

### **Pedagogia Waldorf**

De acordo com Hahn (2007) “a fundação da Escola Waldorf Livre em Stuttgart ocorreu no ano de 1919”, um período em que os abalos da Primeira Guerra Mundial eram sentidos, e a sociedade se encontrava caótica, com os impactos sociais, políticos e econômicos, e uma falta de esperança para reerguer o organismo social. Nesse contexto, o diretor da fábrica de cigarros Waldorf- Astoria em Stuttgart (Alemanha) decidiu fundar uma escola para os filhos de seus operários, convidando

Steiner, juntamente com um grupo de pessoas, para que assumissem a responsabilidade da instalação e direção pedagógica.

Essas pessoas viam um caminho para que a situação pudesse ser harmonizada. Esse período foi oportuno para que Steiner (1961-1925) desenvolvesse uma pedagogia que ampliasse o olhar humano e sua formação, podendo por meio dessa visão superar aquele momento, evitando, assim, novos colapsos sociais. Para isso, era importante que os diversos campos sociais compreendessem a importância da educação na formação humana, que valorizasse uma filosofia no âmbito do/para o coletivo e desestimulasse a competitividade, o que ajudaria a erradicar o egoísmo e o individualismo. Conforme Hahn:

Durante a primeira guerra mundial, Rudolf Steiner resumiu esses pensamentos centrais em forma de memorandos, os quais foram apresentados, de um lado, ao gabinete em Viena, do outro, aos círculos governamentais em Berlim (HAHN, 2007, p.14).

Atualmente, passados quase cem anos desde a criação da Pedagogia Waldorf, pouco conhecemos sobre ela. Nos últimos anos, porém, aqui no Brasil, esse caminho pedagógico está se tornando mais conhecido por meio dos trabalhos acadêmicos, do mesmo modo um crescente aumento nas iniciativas Waldorf. Por meio dessa visão, é possível o olhar para as gerações que cuidarão do mundo nos próximos anos. “Ao pensarmos hoje na educação da juventude, devemos ter sempre em mente o fato de estarmos plasmando os sentimentos, as representações mentais e os impulsos volitivos da próxima geração” (STEINER, 2016b, p. 12).

Steiner pensou na educação de seu contexto, analisou a predominância de uma sociedade influenciada por visões fragmentadas, que priorizava conhecimentos úteis apenas para a vida profissional. Steiner questiona essa postura diante da situação de calamidade vivenciada nesse período Pós-Primeira Guerra Mundial. Ao comparar com o séc. XXI, podemos dizer que não nos distanciamos muito desse modo de pensar, visto que muitas escolas ainda almejam preparar seus alunos para vestibulares e priorizam, por conseguinte, conteúdos utilitários para o mercado de trabalho. Raramente valorizam outras áreas de formação humana, como a arte, literatura, artesanato, música e entre outros. Quando valorizam, é porque, provavelmente, essas áreas se tornaram conteúdo para vestibular.

A fim de nos colocarmos em processo de mudança, devemos ampliar os alcances da Pedagogia Waldorf e socializar esse conhecimento e toda sua

importância para a formação humana integrada, não apenas no âmbito intelectual. Portanto, a proposta é justamente, diante disso, criar novos caminhos para as mais diversas realidades sociais e evitar ao máximo nos fecharmos para novas realidades.

Steiner realizou conferências e discutiu a importância da tarefa educacional relacionada com o todo, ou seja, o ser humano presente no mundo vinculado ao cosmo. Como também discutiu sobre as metodologias e didáticas. Ele recorreu para questões práticas relacionadas com a vida, rejeitando visões que enalteciam o intelectualismo como único método para todos os contextos escolares, desconexos com o ser humano integral. Steiner possibilitou discussões pedagógicas que buscavam uma visão integral do ser humano, um rico subsídio para uma pedagogia que superasse uma visão única do ser humano, ou seja, que nele se encontrasse apenas a dimensão intelectual. Com um olhar mais abrangente do ser humano, ele retoma a teoria dos temperamentos, conhecida desde a Antiguidade e lida pelo viés antroposófico, como recurso fundamental para a prática pedagógica Waldorf. Desenvolveu um currículo escolar que levou em consideração esse ser infantil em evolução, e que em cada tempo dessa evolução eram necessários determinados aspectos do ensino. É essencial nessa cosmovisão a autoeducação do docente em sua prática pedagógica, pois conscientizar-se diariamente frente às crianças era imprescindível. “ O que deve ser levado em conta é a heterogeneidade dos seres humanos, das crianças” (STEINER, 2015, p. 13. v. 3)

O conhecimento dos temperamentos é essencial para o docente na sua prática didática e na relação com seus alunos. Steiner procurou, por meio da Ciência Espiritual, a essência dos quatro temperamentos existentes no ser humano. Segundo essa ciência, o temperamento é a união entre as condições internas que cada um traz consigo das diversas encarnações e o que é recebido pela hereditariedade de seus pais e das suas gerações. Nessa relação é que o temperamento se harmoniza com a ordem cósmica. “O temperamento equilibra o eterno com o passageiro” (STEINER, 2014a, p.22)

Resumidamente, uma explicação dada por Steiner (2014), em seu livro “O mistério dos Temperamentos”, nos auxilia a compreender um pouco mais dos temperamentos:

Se, em virtude de seus destinos, o eu do homem se fortalece a ponto de suas forças predominarem na natureza humana quadrimembrada

e reinarem sobre os outros membros, surge o temperamento colérico. Quando ele sucumbe especialmente às forças do corpo astral, nós atribuímos ao ser humano um temperamento sanguíneo. Quando o corpo etérico ou vital atua em excesso sobre os outros membros, imprimindo sobremaneira sua natureza ao homem, surge o temperamento fleumático. E quando o corpo físico, com suas leis, é especialmente predominante na natureza humana, não sendo o núcleo essencial capaz de superar determinadas durezas desse corpo, trata-se de um temperamento melancólico. É justamente na maneira como o eterno e o efêmero se mesclam que temos a inter-relação dos membros. (STEINER, 2014a, p.27-28)

De acordo com Lanz (1986), a proposta da Pedagogia Waldorf é trabalhar além destes princípios por meio dos setênios, ou seja, na educação das crianças, a cada sete anos, inicia-se um novo ciclo no indivíduo. Na educação infantil, o primeiro setênio busca criar um ambiente propício à formação, não como uma pré-escola, com informações ou ensino formal. O Jardim da Infância Waldorf é um prolongamento da casa do aluno. No período pré-escolar, a atuação da criança se dá em grande parte por meio das brincadeiras. Brincando, a criança possui a oportunidade de satisfazer sua curiosidade, experimentando e descobrindo múltiplos materiais. O modo de brincar da criança é influenciado pela imitação e pela fantasia. Todo ambiente deve ser adequado à convivência e à fantasia. Outro trabalho fundamental é da Eurytmia. Como já descrita anteriormente, é um desenrolar das forças atuantes na forma humana quando seu corpo dança a poesia ou a música, que são introduzidas como atividades semanais.

Dos sete aos quatorze anos, denominado segundo setênio de vida, a criança desenvolve sua vida emocional e sua ligação com o mundo e com as pessoas. Em seu cotidiano, ela necessita fundamentalmente de ritmo, e também precisa aprender os conteúdos através de uma ligação com seus sentimentos.

Buscando um contexto mais próximo, analisamos também, no percurso da Pedagogia Waldorf, além de sua filosofia, seu ensino e sua prática, o surgimento dessas escolas aqui no Brasil. Verificamos que essa pedagogia passou, por muitos anos, desconhecido. De acordo com Guerra, Rheingantz e Maiolino (2006), a Pedagogia Waldorf foi introduzida no Brasil em 27 de fevereiro de 1956, na cidade de São Paulo, por iniciativa de Schmidt, Mahle, Berkhout e Bromberg, que eram simpatizantes da proposta e estimularam a Karl e Ida Ulrich que viessem da Alemanha para fundarem a primeira Escola Waldorf no Brasil. Devidamente contextualizada à realidade de nosso país, porém mantendo os princípios originais

de abordagem pedagógica. A missão de Karl e Ida era a de lecionar e preparar os educadores para que também lecionassem a Pedagogia Waldorf.

De acordo com Setzer (1988 *apud* DIAS FILHO, 2012) a estrutura do currículo baseada na Pedagogia Waldorf, não tem como caráter estimular a competitividade e o individualismo, que está posto na sociedade atual, mas buscar desenvolver nas crianças o sentido da harmonia e integridade em suas vidas, acarretando na compreensão destas em sua própria trajetória de vida.

A pedagogia Waldorf busca atender essa necessidade da relação homem e natureza, sendo assim é possível notar nas estruturas descritas por Maia (2013), que as instituições Waldorf possuem salas de aula espaçosas, com móveis em madeira sem pitar, chão e forro de madeira e dentro da sala fica localizado uma casinha de tecido, e outros cantos muito aconchegantes e convidativos. Na área externa, deve se dispor de muitas árvores frutíferas, flores e grama, tendo ainda caixas de areia, água, balanços, escorregadores, gangorras e pontes. As crianças possuem, em sua rotina, a jardinagem, culinária, artes, música e dança, tendo sempre a hora de realizar atividades fora e dentro da sala de aula.

Desse modo, foi possível conhecer um pouco da pedagogia Waldorf e suas especificidades, o que nos possibilita pensar como o olhar de um professor Waldorf é essencial para seu relacionamento com os alunos. Um dos pontos que chamamos atenção é o fato destes professores terem sua formação e preparo com a cosmovisão de Rudolf Steiner, compreender o ser humano integral por meio da Ciência Espiritual, a Antroposofia. Por isso, utilizar algumas técnicas dessa pedagogia em escolas não-Waldorf seria um risco para qualquer ensino que preze por um aprofundamento amplo do ser humano. Sendo assim, reproduzir técnicas sem conhecer o real sentido que está implícito em determinada metodologia não resultaria em uma formação integral do ser humano. A formação de professores Waldorf, e sua prática em sala e na vida, estão intrinsecamente conectadas, pois suas atitudes são transformadas pelo olhar antroposófico.

Portanto, a Pedagogia Waldorf, com sua concepção de ser humano integral, contribui profundamente para que as fendas de um novo caminho pedagógico surjam em meio a esse atual modelo hegemônico de escola. É importante que se busque uma nova concepção de ser humano, não apenas uma reprodução de algumas das metodologias da pedagogia Waldorf, pois, caso contrário, o ensino continuaria o mesmo. Isso é necessário porque a concepção de ser humano de um

Koan: Revista de Educação e Complexidade, n. 09, out. 2021, ISSN: 2317-5656

educador Waldorf é diferente da concepção que os educadores de escolas não-Waldorf têm. A partir disso, apresentaremos o recorte temático dentro do leque de possibilidades da Pedagogia Waldorf. Vamos discorrer sobre uma educação plena de sentido incorporando os elementos artísticos das cores e o que elas proporcionam para o ambiente escolar.

### **A Sensibilidade das Cores no Educar**

A partir do primeiro momento que chegamos à escola nos deparamos com todos os tipos de cores. Os desenhos nas paredes, as carteiras e as cadeiras, os enfeites na lousa, nos tetos e nas portas, o que nos leva a pensar que essas características tornam o espaço escolar um lugar acolhedor para a criança e estimula a formação sensorial, cognitiva e afetiva, pois, tudo é pensado e planejado para ser o mais agradável e encantador possível.

A utilização das cores pode levar a um estímulo da criatividade da criança ou se tornar uma ferramenta para atrair a criança para fins mercadológicos. Por isso, é importante que os educadores ampliem o olhar para esse tema e contexto, pois sabemos que qualquer ambiente voltado para as crianças é permeado por uma diversidade de cores, assim como as festas temáticas roupas, brinquedos e principalmente a mídia como um todo.

Quando iniciamos nossa vida escolar, todas as atividades lúdicas que visam o desenvolvimento cognitivo são estimulantes e rodeadas de cores. Ou seja, é ofertado um universo maravilhoso que nos encanta, contudo conforme o passar da idade e dos anos escolares, o colorido aos poucos perde sua cor ou até mesmo se torna menos vibrante, como por exemplo, o lápis de cor por muito tempo é o companheiro da sala de aula, mas conforme os anos avançam, eles ficam esquecidos, e os padrões monocromáticos vão se firmando, ou seja, uma única cor passa a dominar o ambiente.

O que nos leva a analisar esse contexto é que à medida que os anos vão passando, a rotina da sala de aula, com inúmeros conteúdos, faz com que a fase colorida diminua gradualmente, restringindo-se apenas às aulas de arte, que em geral estão dentro de uma carga horária totalmente voltada para os saberes científicos que não têm como finalidade uma formação integral que contemple a arte e as nossas especificidades, interligando, por exemplo, pensamento científico e

pensamento poético, que nos leve ao belo, um desenvolvimento estético. “Assim, um homem nascido e formado para assim chamadas ciências exatas, quando estiver no ápice de sua razão-entendimento, não compreenderá facilmente que pode haver também uma fantasia sensível exata, sem a qual a arte é impensável” (GOETHE, 1998e, p. 42. *apud* KESTLER, 2006, p.53).

Nesse sentido, para evitar reduções graduais das cores buscamos compreender em uma nova perspectiva esse universo esplêndido das cores, com o apoio da Teoria das Cores de Johann Wolfgang von Goethe (1749- 1832). Goethe compreendia que as sensações das cores que surgem em nossa mente são também moldadas pela nossa percepção, ou seja, pelos mecanismos da visão e pela maneira como nosso cérebro processa tais informações. “Goethe experimentou desenvolver uma física da cor que era baseada na experiência cotidiana. Ele se esforçou em alcançar um todo autêntico permanecendo no fenômeno, em vez de substituí-lo com uma representação matemática.” (BORTOFT, 2013, p. 289. *apud* BACH, 2017, p. 73). Essa cosmovisão preza pela autoeducação que nos leva a conhecer e compreender os segredos da nossa existência.

O processo do conhecimento não é para Goethe uma mera reprodução formal de uma essência escondida na natureza, mas a real manifestação do que sem o espírito do ser humano de modo algum existiria na natureza. (STEINER, 1961, p.129 *apud* BACH, 2017, p.184)

Compreendemos que o ensino comum e seus currículos não incorporam o seu uso de maneira consciente, prejudicando o desempenho dos alunos em todo o contexto escolar. Assim, o educando pode deixar de criar, de ter os seus sentidos estimulados e buscar por caminhos que o conduzam para um aprendizado que faça realmente sentido em sua vida. Nesse âmbito é que a Pedagogia Waldorf se diferencia de outras pedagogias.

A Educação pela Arte é promovida na Pedagogia Waldorf como em nenhuma outra. Desde cedo a criança tem acesso a todos os materiais e tarefas para o desenvolvimento do seu potencial artístico – são disso exemplo as atividades manuais que são introduzidas no currículo do pré-escolar Waldorf, como o fazer o pão, o brincar com o barro e a aquarela. (ANTUNES, 2014, p. 2)

Quando nos encontramos rodeados por esse esvaziamento das cores, todo o ambiente fica entristecido e apagado manter o colorido como característica essencial da escola entrega as crianças à beleza do mundo, permitindo que elas desenvolvam ainda mais sua sensibilidade. Por essa razão, compete ao professor ser aquele que está para ensinar e acolher essa criança, contemplando o currículo, e dando o suporte necessário para que ela cresça em sua multiplicidade. Para Steiner, um professor Waldorf deveria ser muito mais que um pedagogo, deveria ser um apreciador das manualidades, muito marcantes nessa pedagogia, com um olhar todo diferenciado para cada alma humana.

A esse respeito, nós, mestres, devemos transformar-nos em artistas. Assim como é impossível o artista recorrer a um livro sobre estética a fim de pintar ou esculpir conforme princípios da estética, o professor necessita de uma verdadeira compreensão do que o homem realmente é e do que vem a ser enquanto se desenvolve no decorrer da infância. (STEINER, 2016, p. 18)

Podemos analisar, em nossas práticas de sala, que o hábito de se trabalhar com atividades prontas, principalmente com desenhos que são entregues às crianças em dias festivos ou datas "folclóricas", faz com que o desenho, em sua forma artística, deixe de ser utilizado como uma ferramenta a mais para proporcionar um desenvolvimento integral, garantindo uma maior aproximação do professor com o universo de seu aluno, pois é por meio do desenho que muitas crianças conseguem demonstrar seus medos, angústias, alegrias, sonhos, entre outras sensibilidades.

O desenho é para a criança uma comunicação natural, ela revela como é o mundo através do seu olhar, mostrando que o ato de desenhar é tão importante quanto à comunicação pela escrita. Para ela, a alfabetização não passa de códigos vazios e abstratos. Nas escolas Waldorf, a alfabetização, pelo código fonético, tem início por volta dos seis ou sete anos. Isso não quer dizer que a partir do momento em que a criança está alfabetizada o desenho é deixado de lado, pelo contrário, a arte e os conteúdos coexistem ao longo de toda a escolaridade, assim como no desenho, há ainda um cuidado com o uso das cores. As crianças recebem apenas as cores primárias, e é muito comum o uso da aquarela. O professor entrega aos alunos uma folha umedecida com água, tinta e pincel. A cada traço delicado feito pela criança sobre esse papel molhado, mais cores vão surgindo dentro da água, e

são eles que vivenciam todo esse processo, enriquecendo seu conhecimento sobre como surgem as cores, incorporando esses saberes no seu cotidiano.

Rudolf Steiner editou as obras científicas de Goethe, tornando um profundo conhecedor de suas obras. Goethe foi um estudioso em diversas áreas, e todos percorrem os caminhos de respeito ao ser e à natureza. Com uma leitura maravilhosa de mundo, Goethe demonstra em seus estudos utópicos o extraordinário poder das cores e da natureza em nossas vidas. Em seu livro "Doutrina das Cores", do início do século XIX, com maestria traz uma das primeiras e mais fortes expressões de reação ao pensamento mecanicista, combinado de maneira saudável, ao rigor do método científico e a criatividade do trabalho artístico. Ele inspira-se em uma filosofia toda voltada para a Natureza, rejeitando as formas rígidas do cientificismo, baseando-se na relação entre a manifestação totalmente natural e a percepção humana.

O Esboço de uma Teoria das Cores (1790-1810) surge na obra completa de Goethe como fruto naturalíssimo de suas preocupações estéticas e científicas, que para ele, sabemos, eram duas faces de uma mesma coisa. [...] Goethe, perante a Natureza, é um Otelo contemplando entre os tecidos do seu leito sua Desdêmona adormecida. Goethe transita constantemente do mundo mágico do poeta ao mundo lógico do pensador. As ninfas conduzem este sátiro, com as evoluções da sua dança fugaz, ao solene recinto das causas primordiais. (GOETHE, 1945, p.473. apud POSSEBON, 2009, p. 12)

Por meio de Rudolf Steiner, a teoria das cores e o método científico de Goethe foram resgatados, dando aporte a uma sustentação explícita e uma reafirmação na sua aplicação plena dentro da pedagogia Waldorf. Essas escolas não têm por objetivo formar artistas, mas propiciar aos alunos suas diversas formas de expressão e que em cada âmbito e fase do aprendizado estejam rodeados pelo elemento artísticos fixando as intenções e propostas derivadas da teoria goetheana. Por isso vemos o quanto é fundamental e importante esses conceitos trabalhados por Goethe, na busca por uma Pedagogia das Cores que desenvolva ainda mais a essencialidade de se ter na escola um ambiente que propicie autoconhecimento e um cuidado de si próprios. É claro que tais mudanças exigem de nós muitas reflexões e uma permanente revisão da prática docente. É preciso ousar pensar para que uma nova escola surja.

É sob essas circunstâncias que entendemos a relevância de transgredirmos as barreiras desse currículo tecnicista, por meio de didáticas não-tecnicistas. E há muitas tentativas em superar essa didática, como podemos ver na pedagogia Waldorf, “A civilização atual é cientificista, materialista e impregnada pela imagem da máquina”. (LANZ, 1986, p. 137). Com bases nessas considerações, inferimos que as Escolas Waldorf buscam quebrar com essa visão tecnicista da sociedade, visando uma educação humanista e menos instrumental. Apenas quando atingirmos a superação desse processo educacional fragmentado é que entenderemos o quão importante será nos apropriarmos da integração do espaço cultural e tudo o que ele pode nos ofertar.

Em meio às pedagogias existentes, dificilmente encontraremos a presença das artes e dos trabalhos manuais tão fortes como na Pedagogia Waldorf. Nesse sentido, podemos dizer que ela educa pela arte e pela arte em sua forma livre. A arte caminha por toda a vida escolar de um aluno Waldorf. Ela é tão importante quanto às disciplinas científicas; ela não só é vivida, como praticada. A pintura está presente desde a entrada nos jardins de infância Waldorf, e todas as disciplinas que devem ser contempladas nos currículos escolares são ensinadas através dela, até mesmo a geometria em torno do quinto ano fundamental.

Steiner acreditava ainda que as atividades artísticas e manuais eram essenciais para promover na criança uma maior concentração, destreza física, autoconfiança, equilíbrio mental, preservando o intelecto infantil para coisas que realmente tenham significado no seu desenvolvimento.

As crianças precisam lidar com o seu próprio mundo da fantasia e da imaginação, antes de conhecer o mundo das letras. Elas devem desenvolver outras habilidades mais importantes como, por exemplo, a coordenação motora, a linguagem, viver em sociedade, atributos que vão contribuir de forma significativa tanto na vida escolar quanto para sua formação como pessoa. Essa deveria ser a premissa de todas as instituições infantis, dando ênfase a esse período tão mágico das descobertas de si, do outro e do mundo ao seu redor, mostrando o encantamento que é viver e aprender.

Nesse aspecto, Steiner (2016b) coloca que esse educador deverá promover um planejamento que contemple as necessidades do aluno, ao mesmo tempo em que não influencie e nem regule a criação artística dessa criança, deixando-a livre para realizar as atividades cada uma a seu tempo e ao seu jeito. Isso não significa

que a criança fará apenas o que quiser na hora que quiser, ela realizará suas atividades sem que haja uma imposição, ela completará suas tarefas por meio do querer fazer, de forma leve e harmoniosa. O ensino deve acompanhar seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que encoraja seu olhar para o mundo com certa curiosidade e interesse, orientando e contribuindo para a formação de uma consciência criativa e crítica.

A escola tem papel fundamental na construção dessa sociedade, a pedagogia Waldorf almeja a tríade pensar, sentir e querer. Valoriza o intelecto, o sentimento e a técnica do fazer, promovendo o desenvolvimento do ser de forma criativa, fora, pois, das formas que os currículos não-Waldorf estabelecem. Steiner entende a educação como uma forma de superar a divisão entre o eu e o mundo, entre espírito e natureza, transformando à sua própria relação com o meio e consigo mesmo. Não podemos encarar sua proposta pedagógica como um método a seguir, mas sim como um caminho a percorrer, não devendo ser aplicado sem uma mudança de conceber o mundo, nem desejar formar a criança para as artes, mas que esse indivíduo consiga atribuir novos sentidos para sua vida, transformando não só a si, mas todo o seu meio.

Incorporar esses saberes na perspectiva epistemológica e múltipla é dar a chance para o outro ver o mundo através de outra lente, sem uma única via de pensamento e sem dogmatismos. É nessa trilha que poderemos abrir um espaço para o diálogo, com construções significativas e reflexivas a partir da sua prática e da sua vivência dos fenômenos, dando total autonomia para que formule seus próprios juízos dentro das hipóteses levantadas, alcançando uma consciência crítica e humanizadora. Somos seres interligados com papel de vivermos uma aldeia planetária em que todos possam viver as suas diferenças e aplacar as suas desigualdades.

### **Considerações finais**

Reconhecemos que o caminho é complexo e estamos longe de compreender toda a totalidade do pensamento de Steiner. Quanto mais estudamos Steiner, mais compreendemos que o ser humano é dotado de uma complexidade quase inalcançável pela racionalidade até agora desenvolvida. Compreendemos que a educação, com o viés antroposófico, seria uma brecha de transformação para o

atual modelo predominante de escolas que visam apenas a dimensão intelectual de seus alunos, que se ausenta de uma real e verdadeira relação integral de ser humano conforme Steiner propôs, como o uso das cores.

A partir do estudo da Teoria das Cores de Goethe, podemos estabelecer uma nova visão dos benefícios que as cores trazem para a escola como um todo, e da real necessidade de se colorir o ambiente escolar oportunizando equilíbrio e motivação. Mas nossa pesquisa sobre o papel da arte e das cores dentro das escolas é só um passo inicial, dada à complexidade tanto da visão goethiana, quanto steiriana em prol da formação plena do ser humano.

Enfim consideramos essa pesquisa, ainda em construção, dada à complexidade da cosmovião steiriana, sugerimos pensar a Pedagogia Waldorf como um caminho alternativo para o ensino, contudo com algumas ressalvas. Não basta reproduzir técnicas metodológicas desta pedagogia, pois é fundamental compreender os aspectos essenciais da visão de Steiner para que a educação se torne realmente ampla, com uma nova concepção de ser humano, considerando suas várias dimensões, reconhecendo que esse conhecimento enriquece a prática pedagógica e torna a educação uma acolhedora da alma humana.

## Referências

ANTUNES, Inês Pinheiro. **As artes plásticas na pedagogia Waldorf: o fazer artístico da criança**. 2014. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes. p.1- 39. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23514/2/ULFBA\\_TES\\_838.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23514/2/ULFBA_TES_838.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2018.

BACH JUNIOR., Jonas. **Fenomenologia de Goethe e educação: a filosofia da educação de Steiner**. Curitiba: Lohengrin, 2017.

DIAS FILHO, Paulo do Eirado. **A pedagogia Waldorf**. Recife, 2012. Disponível em: <<http://paulodoeirado5.blogspot.com.br/2012/09/a-pedagogia-waldorf.html>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

GARDIN, Nilo E. **Quadrimestração: as quatro organizações que constituem o ser humano de acordo com a antroposofia**. Arte Médica Ampliada Vol. 35 | N. 3 | Julho/ Agosto/ Setembro. Belo Horizonte: Arte Méd Ampl., 2015. p.101-109. Disponível em: <<http://abmanacional.com.br/arquivo/0d659a4639cc06c8999b0da8af0a53d26f821c93-35-3-quadrimestrao.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

GERRA, Melanie M. et AL. **A Pedagogia Waldorf: 50 anos no Brasil**. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

HAHN, Herbert. **O nascimento da escola Waldorf a partir dos impulsos da trimenbração do organismo social**. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2007.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência**. História, Ciências, Saúde- Manguinhos, v.13(suplemento). p.39-54, outubro 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/02.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 4.ed. São Paulo: antroposófica, 1986.

LANZ, Rudolf. **Noções básicas de antroposofia**. 3.ed. São Paulo: antroposófica, 1990.

MAIA, Leonardo. **A pedagogia Waldorf**. Florianópolis: Biblioteca virtual da Antroposofia, 2013. Disponível em: <<http://www.antroposofy.com.br/wordpress/conheca-a-pegagogia-waldorf/>>. Acesso em: 7 set. 2018.

POSSEBON, Ennio Lamoglia. **A teoria das cores de Goethe hoje**. São Paulo, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/Ennio\_Possebon\_Tese% 20(2).pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

STEINER, Rudolf. **Minha vida: a narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia**. 2.ed. São Paulo: Antroposófica, 2016a.

STEINER, Rudolf. **O mistério dos temperamentos: as bases anímicas do comportamento humano; compilado por C. Englert-Faye, com base em três conferências do autor**. Trad. Andrea Hahn. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2014a.

STEINER, Rudolf. **Matéria, forma e essência: o caminho cognitivo da filosofia à antroposofia**. Trad. Lavínia A. Viotti. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2014b.

STEINER, Rudolf. **Antropologia Meditativa: contribuição à prática pedagógica**. Tradução Rudolf Lanz. 2 Ed. São Paulo: Antroposófica, 2016b.

STEINER, Rudolf. **O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia**. Trad. de Rudolf Lanz, Jacira Cardoso. 5. Ed. São Paulo: Antroposófica, 2015. (A arte da educação; v.1)

STEINER, Rudolf. **O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia**. Trad. de Rudolf Lanz, Jacira Cardoso. 3. Ed. São Paulo: Antroposófica, 2016. (A arte da educação; v.2)

WELBURN, Adrew J. **A filosofia de Rudolf Steiner: e a crise do pensamento contemporâneo**. Trad. Elaine Alves Trindade. São Paulo: Madras, 2005.